

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**REGINA PONTES MARÇAL**

**QUILOMBOLAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO**  
**SOBRE A CULTURA E HISTÓRIA AFRODESCENDENTES**

Recife dezembro 2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**REGINA PONTES MARÇAL**

**QUILOMBOLAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO**  
**SOBRE A CULTURA E HISTÓRIA AFRODESCENDENTES**

Monografia apresentada por **Regina Pontes Marçal** ao  
Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade  
Federal Rural de Pernambuco, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Orientador:** Prof. Dr. João Gilberto de Farias Silva

Recife dezembro

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- M313q     Marçal, Regina Pontes Marçal  
              QUILÔMBOLAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO SOBRE A CULTURA E HISTÓRIA  
              AFRODESCENDENTES: Pesquisa Etnográfica / Regina Pontes Marçal Marçal. - 2019.  
              **53** f. : il.  
              Orientador: João Gilberto de Farias Silva.  
              Inclui referências e apêndice(s).  
              Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
              Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2019.  
              1. Branqueamento. 2. Identidade. 3. Protestantismo. 4. Representação Social. I. Silva, João Gilberto de  
              Farias, orient. II. Título

CDD 300

---

**REGINA PONTES MARÇAL**

**QUILOMBOLAS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: UM ESTUDO  
SOBRE A CULTURA E HISTÓRIA AFRODESCENDENTES**

Monografia apresentada por **Regina Pontes Marçal** ao  
Curso de Ciências Sociais da UFRPE – Universidade  
Federal Rural de Pernambuco, como requisito para  
obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Aprovada em**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profº. Drº Alexandro Cardoso Tenório**  
**Universidade Federal Rural de Pernambuco**

---

**Profª Drª. Gisele Maria Nunes Correia dos Santos**  
**Universidade Federal Rural de Pernambuco**

---

**Profº Drº João Gilberto de Farias Silva**  
**Universidade Federal Rural de Pernambuco**

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”

Simone de Beauvoir

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria  
substância, já que viver é ser livre”

Simone de Beauvoir

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem;  
lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”

Boaventura de Souza Santos

“Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o  
direito a ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a  
necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que  
não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”

Boaventura de Souza Santos

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar por me proporcionar estar concluindo esta fase de minha vida, uma vitória que não é só minha, mas para toda uma classe de mulheres pobres, periféricas, mães, feministas, que lutaram para que outras mulheres conquistassem seu espaço em uma sociedade patriarcal, machista e sexista. Hoje eu sou a primeira da família a cursar e concluir o curso superior em uma universidade pública.

Agradeço a minha mãe e a meus filhos que são a luz da minha vida. Acordo todos os dias pela motivação em contribuir na construção de uma sociedade menos desigual com equidade de raça, classe e gênero para meus filhos e as gerações futuras.

Agradeço a todos os mestres que fizeram parte da minha formação em especial ao PET- Programa de Educação Tutorial (PET- Conexões de Saberes Políticas Públicas Ações Afirmativas- UFRPE) que me proporcionou efetivamente uma imersão na vida acadêmica com oportunidade de aprender a ser pesquisadora, professora em formação com execução de meus projetos nas áreas de raça e gênero, aprendendo a aprender a aprender em uma práxis diária.

Em especial agradeço a Professora Gisele Nunes, Professor Alexandro Tenório, Professor João Gilberto, Professora Maria do Rosário, Professor Josias de Paula, Professora Denise Botelho que acreditaram em mim vendo talento que nem eu acreditava que teria para desenvolver tantos projetos maravilhosos que mudaram a minha vida e fazem parte da minha construção identitária e descolonização da minha mente da colonialidade do poder, saber e do ser.

Agradeço ao Instituto IADIS por encubar os projetos que nasceu nesse processo de formação da Regina Marçal em Cientista Social. Agradeço as pessoas que conheci nas várias comunidades que foram desenvolvidos os projetos e pesquisas do curso de Ciências Sociais

O meu muito obrigada, não seria cientista Social sem vocês!

## RESUMO

O Brasil foi o país que mais incorporou a forma de produção escravista no mundo com a maior colônia de escravos do mundo. Na perspectiva de investigar experiências a respeito de fragmentação da cultura de povos tradicionais pela influência do externo (protestantismo), do colonizador, na ancestralidade e branqueamento das comunidades tradicionais no Brasil em particular na “Comunidade Quilombola Onze Negras” sob a pressão ideológica do colonizador. Neste viés a pesquisa visa entender por que a cultura de movimentos religiosos de matriz africana não é popular na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras? O objetivo geral desta pesquisa visa compreender porque a cultura de movimentos religiosos de matriz africana não é popular na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras. A metodologia usada teve um viés etnográfico com observação participante e revisão da bibliografia acerca da vinda dos negros escravizados ao Brasil e o processo de colonização e branqueamento de sua cultura africana com a conversão as religiões católicas e protestantes e as representações sociais compartilhadas pelos grupos religiosos da Comunidade Onze Negras. Ademais os resultados da pesquisa dialoga com o entendimento dos resquícios do colonialismo após a diáspora africana no Brasil na construção do povo brasileiro que até hoje as comunidades tradicionais resistem para ter o reconhecimento de sua identidade africana mas também são brasileiros colonizados e vivenciam a colonialidade do ser, poder e do saber nas representações sociais das religiões que cultuam.

**Palavras Chaves: Branqueamento; Identidade; Protestantismo; Representação Social.**

## **ABSTRACT**

Brazil was the country that most incorporated the form of slave production in the world with the largest slave colony in the world. From the perspective of investigating experiences regarding the fragmentation of the culture of traditional peoples through the influence of the external (Protestantism), the colonizer, on the ancestry and bleaching of traditional communities in Brazil, particularly in the “Quilombola Onze Negras Community” under the ideological pressure of the colonizer. In this bias the research aims to understand why the culture of religious movements of African origin is not popular in the Quilombola Onze Negras traditional people community? The general objective of this research is to understand why the culture of religious movements of African origin is not popular in the Quilombola Onze Negras traditional community. The methodology used had an ethnographic bias with participant observation and literature review about the coming of enslaved blacks to Brazil and the process of colonization and bleaching of their African culture with the conversion of Catholic and Protestant religions and social representations shared by the religious groups of the region. Elevem Black community Moreover, the results of the research dialogue with the understanding of the remnants of colonialism after the African diaspora in Brazil in the construction of the Brazilian people that until today traditional communities resist to have the recognition of their African identity but are also colonized Brazilians and experience the colonality of being. , power and knowledge in the social representations of the religions they worship

**Keywords: Bleaching; Identity; Protestantism; Social Representation.**

## SUMÁRIO

|                                                                                                          |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                   | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO 1: TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUAS<br/>CONTRIBUIÇÕES NAS RELAÇÕES GRUPAIS .....</b> | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO 2: DE AFRICANOS A AFRO-BRASILEIROS: DOS ORIXÁS<br/>ACRISTIANISMO.....</b>                    | <b>21</b> |
| 2.1. Protestantismo crioulo e a demonização dos orixás.....                                              | 23        |
| 2.2. Preconceito como juízo de valor: limites sobre pressão ideológica .....                             | 26        |
| 2.3. História e Identidade do Quilombo Onze Negras.....                                                  | 28        |
| 2.4. Mito da Democracia Racial dentro das Comunidades<br>Tradicionais.....                               | 37        |
| <b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS DE CAMPO .....</b>                                                       | <b>39</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                        | <b>48</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                 | <b>49</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                                                                                    | <b>51</b> |

## INTRODUÇÃO

Entender a formação do povo brasileiro em particular dos negros africanos escravizados no Brasil e a sua transformação de africanos em afro-brasileiros nos permite ter uma visão das formas de opressões, genocídio cultural de milhares de dialetos, ritos e mitos das múltiplas nações Bantos e Sudaneses de africanos negros ao longo da história na diáspora africana.

Grande parte da população negra que chegavam pelos navios negreiros do tráfico de escravos eram destinados aos engenhos de cana-de-açúcar de Pernambuco e Bahia. Até a metade do século XVIII foram em média mais de cinco milhões de pessoas escravizadas vindos da África de várias nações diferentes.

O Brasil foi o país que mais incorporou a forma de produção escravista no mundo com a maior colônia de escravos do mundo. Pernambuco foi forte centro dessa escravidão no país, ocupando a posição de centro da cultura do açúcar, com mão-de-obra escrava que representava o maior número populacional da época, com pouca expectativa de vida acima dos 40 anos em função das péssimas condições em que viviam entre inúmeros castigos físicos e da carga excessiva de trabalho. Resistiam à escravidão através de revoltas e fugas para os quilombos.

Vestígios que até hoje ainda existe são os engenhos de cana-de-açúcar em várias cidades pernambucanas como Goiânia, Sirinhaém, Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca entre outras partes do estado e ruas, bairros do estado de Pernambuco que ganhou nomes de engenhos antigos de monocultura do açúcar, como exemplo as terras da Comunidade Quilombola Onze Negras era o engenho Trapiche que até hoje o local tem o mesmo nome.

Ao longo do tempo surgem novas economias como do café, algodão, mineração todos esses períodos com forte mão-de-obra escrava em todas as regiões do país. Quando os navios negreiros aportavam no Brasil com milhares de negros de nações, línguas diferentes eles não eram enviados em grupos por nação ou famílias, eram separados para não haver rebeliões. A estratégia era por serem nações com muitas línguas diferentes os negros acabavam sem comunicação, desagregados de seu grupo de origem, impossibilitando para o africano manter sua cultural original,

submetidos a incorporar a cultura brasileira em formação, de língua e costumes de tradição portuguesa (PRANDI, 2000)

“Com a destruição no Brasil da família africana, perdendo-se para sempre as linhagens e as estruturas de parentesco, a identidade sagrada não pôde mais ser baseada na ideia de que cada ser humano descende de uma divindade através de uma linhagem biológica” (PRANDI,2000,p-62).

Ao longo dos séculos de escravidão o negro esqueceu sua origem e a língua de seus pais e avós. Esqueceu suas divindades e outras religiões, como o cristianismo nas doutrinas católicas e protestantes, passam a ser a religião oficial de milhares de afro-brasileiros. Neste sentido, o território brasileiro passa a ser a nova nação dos africanos compondo parte de sua identidade social, não apenas a religião, mas a língua e costumes que foram adaptados com traços africanos, europeus e indígenas resultando na cultura brasileira. Haesbaert explica: “não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes” (HAESBAERT, 1999, p. 172). No mesmo aspecto Almeida (2003, p.109) afirma, também, que a produção das identidades territoriais consiste na “apropriação simbólica-expressiva” do espaço. Os quilombolas da Comunidade Onze Negras, passaram por um processo histórico de desapropriação de sua cultura original para uma apropriação e construção simbólica de uma nova identidade afro-brasileira ao longo da história principalmente na religião oficial da maior parte dos seus moradores que é o protestantismo, o território faz parte dessa construção e desconstrução.

Dados preliminares a respeito da população cabense no município do Cabo de Santo Agostinho/PE, no qual a Comunidade Tradicional quilombola Onze Negras é localizada conforme censo 2010, os habitantes do Cabo dizem que 68% da população cabense se consideram da religião evangélicas protestantes, mais de 50% da população não se reconhecem como povo negro, menos de 15% são adeptos a religião de matriz africana. Especificamente dentro da Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras mais de 50% da população se diz de religião evangélica protestante; a liderança da única associação social organizadora existente da Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras se declara da religião protestante pentecostal e não simpática a movimentos de matriz africana (IBGE, 2010). ***Neste viés a pesquisa visa entender por que a cultura de movimentos***

## ***religiosos de matriz africana não é popular na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras?***

A cultura religiosa do município, onde se encontra o povo tradicional afrodescendente Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras, é predominantemente protestante pentecostal - segundo Censo 2010 - tendo forte influência na negação da cultura e religião de matriz africana reforçada pelo mito da democracia racial na vida dos munícipes da Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras.

Por um lado o racismo e a discriminação que remontam à escravidão e que desde o Brasil colônia rotulam tais religiões pelo simples fato de serem de origem africana com racismo institucionalizado, e, pelo outro, a ação de movimentos neopentecostais que nos últimos anos teriam se valido de mitos e preconceitos para “demonizar” e perseguir os adeptos a religiões de matrizes africanas e a converter as Comunidades de matrizes africanas de certa maneira embranquecendo o quilombo. O objetivo geral desta pesquisa visa compreender porque a cultura de movimentos religiosos de matriz africana não é popular na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras. Seguindo com os objetivos específicos: a. Analisar os movimentos culturais, religiosos existentes na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras. b. Averiguar se há estranhamento cultural a respeito de movimento religioso de matriz africana. C. Pesquisar sobre a compreensão que o povo tradicional da Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras tem a respeito de sua ancestralidade.

Como pesquisadora e mulher afro-indígena o que me motivou a emergir nesta pesquisa foi uma crise de identidade para resgatar a minha identidade predominante como um ator social de tantas identidades móveis que faz parte de uma construção simbólica e cultural. Por volta de dois anos atrás comecei a me interrogar sobre minha ancestralidade uma busca do meu passado, sou filha de mãe negra, meu avó materno faleceu aos 102 anos em 2018, negro, analfabeto, trabalhador rural com muitas características de povos remanescentes de quilombo e suas três últimas gerações eram negras, ou seja, a escravidão foi algo real e muito próximo da minha família materna, agora por parte de pai meus bisavós eram indígenas da tribo Canindé do sertão do Ceará que tinham migrado para cidade de Sapé na Paraíba e depois os casamentos inter-raciais com os brancos fizeram sair da aldeia e migrar para Pernambuco esquecendo o ser índio e tornando-se apenas nordestino e daí se

autodeclarando brancos. Com base nesta árvore genealógica e os conhecimentos adquiridos no curso de ciências sociais os questionamentos identitário afloraram visto que passei toda uma vida me autodeclarando como parda pela ausência de empoderamento étnico-racial pela falta de conhecimento, sobreveio que comecei a trabalhar com projetos sociais em um instituto de pesquisa e inclusão social que me possibilita ter acesso e conhecer algumas comunidades tradicionais e compreender um pouco mais da minha ancestralidade, os processos de opressão ideológica do branqueamento e até que ponto as comunidades tradicionais tem autonomia.

Ademais a pesquisa se faz relevante para academia na perspectiva de investigar experiências a respeito de fragmentação da cultura de povos tradicionais pela influência do externo (protestantismo), do colonizador, na ancestralidade e branqueamento das comunidades tradicionais no Brasil em particular na “Comunidade Quilombola Onze Negras” sob a pressão ideológica do colonizador.

A reflexão pode contribuir para entendimentos a respeito de políticas públicas de ações afirmativas para a conservação e proteção da cultura de povos tradicionais, auxiliar o compartilhamento de dados com administração pública para interesse público a respeito de diagnostico social produto desta pesquisa.

O método utilizado na pesquisa de pesquisa foi a observação participante pela etnografia na Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras. “Bronislaw Malinowsky sistematizou o uso de método etnográfico chamado por ele de “observação participante”, como o único modo de conhecimento em profundidade da alteridade cultural que poderia escapar do etnocentrismo.” (LACERDA, 2000, p18)

O método etnográfico é orientado com os seguintes princípios: as pessoas vivem em um mundo de significados apreendidos que são codificados como símbolos e que são compartilhados através de interações em um grupo social específico; os símbolos são motivados e impelem as pessoas a desempenharem suas atividades; a própria mente humana cresce e muda em resposta a extensão das interações nas quais os indivíduos se envolvem; o self é uma construção social.

Os etnógrafos precisam prestar muita atenção aos processos de pesquisa de campo. É preciso estar sempre atento aos modos pelos quais se tem acesso ao campo, ao modo como se estabelecem afinidades com as pessoas que lá vivem, e se ele se torna um membro ativo do grupo. (ANGROSINO, 2009).

A Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras fica situada a 35 quilômetros do Recife, no município de Cabo de Santo Agostinho, nas terras do Engenho Trapiche, Loteamento Engenho trapiche, Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, Brasil.

Os sujeitos da pesquisa são a Liderança da associação legal da Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras conforme disponibilidade prevista na estrutura estatutária da associação, bem como entrevistar uma amostra de moradores membros da Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras não membros da liderança da as Coleta de dados: são os instrumentos específicos que ajudam no alcance dos objetivos almejados a) entrevistas (estruturada ou não estruturada); b) observação.

## **CAPÍTULO 1: TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NAS RELAÇÕES GRUPAIS**

Teoria das Representações Sociais permite a compreensão da realidade social, sendo a Teoria das representações sociais uma grande teoria que quebra paradigmas ao longo das décadas. A teoria das representações Sociais é considerada uma teoria psicossociologia com estudos de fenômenos complexos e do senso comum, os processos comunicativos são expressivos e nós possibilita compreender fenômenos de exclusão, com marcadores, que é a ideia que a realidade social é construída e nós constrói.

O grupo, liderado por Doise na Suíça, articula as RS com uma perspectiva mais sociológica, enfatizando a inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações. Nesta direção, é evidente o objetivo dessa abordagem em conectar o individual ao coletivo, de buscar a articulação de explicações de ordem individual com explicações de ordem societal, evidenciando que os processos de que os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais). (ALMEIDA, 2009, P. 719).

Os paradigmas do materialismo científico e o individualismo cartesiano. Costuma-se dizer que a psicologia “científica” começou com Wund pelo fato de ter sido ele o primeiro a montar um laboratório para experimentos em Leipzig, pode-se também dizer que foi lá que iniciou a psicologia social sendo um alongamento desta teoria na mesma lógica no quadro da modernidade com seus pressupostos metafísicos, epistemológicos e éticos (GUARESCHI,2010).

No paradigma do materialismo científico “O social era uma “coisa”, como qualquer outra coisa”. A sociedade era um sistema fechado governado por leis determinantes e determinadas. Seguindo esta lógica Wundt deu o terceiro passo afirmando que pelos pressupostos da modernidade “Então o ser humano também é um relógio”, logo, “Vamos colocá-lo em um laboratório e descobrir suas leis implícitas”. Resumindo apenas em fazer experimentos, negando os pressupostos éticos da modernidade. O individualismo cartesiano em Descartes (penso - eu- logo existo), a psicologia não foi buscar de imediata o “Racional”, mas o sujeito que está ligada a primeira pessoa do singular, penso, isto é, eu penso. Essa foi a segunda marca

presente na psicologia social, o coletivo ou social era visto como algo irrelevante. Diversos pensadores do final do século XIX e início do século XX tinham-se defrontado com a questão do social que eles denominaram de “coletivo” (GUARESCHI,2010).

Moscovici discute essa questão da psicologia das massas e mostra como os psicólogos sociais se distanciaram desse campo por acharem que esses estudos eram mais populares que científicos, ele também aponta os riscos desse desinteresse. Moscovici lança o “O escândalo do pensamento social” em resposta ao individualismo cartesiano que vários teóricos usaram como base para rejeitar o social e cultural como inferior e anormal. Se acompanharmos o histórico do campo de pesquisa, teremos de nos voltar à relação da representação com a ciência e a sociedade. De fato, Moscovici retomou o conceito de Durkheim, para dar a psicologia social objetos e instrumentos conceituais que permitisse um conhecimento direto e contato direto com as verdadeiras questões colocadas pela vida social. (JODELET,2012).

Moscovici explica os fenômenos cognitivos a partir das divisões e interações sociais em particular o papel da comunicação social em três níveis: a. Ao nível da emergência das representações cuja condições afetam os aspectos cognitivos; b. Ao nível dos processos de formação das representações sociais, a objetivação e a ancoragem que explicam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício nos planos de organização dos conteúdos. C. Ao nível das dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação midiáticos.

Em Moscovici partilhar uma ideia ou uma linguagem é também afirmar vínculo social e uma identidade. “Os grupos têm influência sobre o pensamento de seus membros e desenvolvem até mesmo estilos de pensamentos distintos”. Ele mostrou que as representações sociais da psicanálise pelas quais os diferentes grupos definem seus contornos e sua identidade. Expressão identitária já vista por Durkheim “O que representações coletivas traduzem é o modo como o grupo se pensa em sua relação com objetos que o afetam” (JODELET).

O surgimento da Teoria das Representações Sociais elaborada por Serge Moscovici, surgiu como uma crítica a alguns pressupostos teóricos defendida pela Psicologia Social de viés americano. Ao longo dos anos a psicologia Social de punho americano vem recebendo inúmeras críticas, citaremos duas críticas pontuadas por

autores como BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, que são de relevância serem citadas para entendermos como pensava a psicologia social do pós-guerra de viés americano.

A primeira crítica é que a Psicologia Social tem seu desenvolvimento comprometido com os objetivos da sociedade norte-americana do pós-guerra, que precisava de conhecimentos e de instrumentos que possibilitassem a intervenção na realidade, de forma a obter resultados imediatos, com a intenção de recuperar uma nação, garantindo o aumento da produtividade econômica. Não é para menos que os temas mais desenvolvidos foram a comunicação persuasiva, a mudança de atitudes, a dinâmica grupal entre outros, voltados sempre para a procura de formulas de ajustamento e adequação de comportamento individuais ao contexto social (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

A segunda afirmava que a Psicologia Social tendia a compreender as pessoas dentro de uma noção estreita do social; e não como um conjunto de produções humanas capazes de construir a realidade social que os rodeiam, e ao mesmo tempo em que vão se construindo enquanto indivíduos em permanentes processos de transformação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

As duas concepções alavancaram a possibilidade para novas linhas teóricas que pudesse contribuir para uma nova visão acerca das demandas sociais que estavam emergindo. Dentro deste contexto de decadência da Psicologia Social que surge a Teoria das Representações Sociais (TRS), se propondo a desenvolver uma pesquisa acerca da dicotomia entre indivíduo e social tentando superar esse entrave epistemológico. O próprio Moscovici fez duras críticas a Psicologia norte americana, aponta a mesma como uma ciência voltada para o interesse do capitalismo;

“Mas há ainda mais que isto. Tudo o que é social é simplesmente excluído deste tipo de economia. Investimentos coletivos, gastos que não são canalizados através do mercado, ou da chamada economia externa, não estão incluídos nos seus dispositivos... os objetivos se tornam definidos dentro de uma perspectiva individualista, são considerados como dados na natureza do homem. Como resultado de tudo isto, esta versão da economia concebe uma imensa área da conduta humana como irracional, uma vez que, dentro de sua prática, tudo o que vai além do individualismo e tudo o que diverge um pouco de um modelo de capitalismo, entra, por definição, no domínio da irracionalidade” (MOSCOVICI, 2009, p. 125 -126).

O cenário do aparecimento da TRS foi desencadeado pelo plano Marshall acadêmico na Europa, numa tentativa de implantar a psicologia social de punho americano. Moscovici começou duvidar e rebater as tenências individualistas que eram defendidas pela psicologia social no velho continente. Por causa disso começa a pesquisar sobre as representações sociais e buscar respostas contra as dicotomias entre o individual e social; o externo e interno, o estruturante e o estruturado, o processo e a estruturação e que ao mesmo tempo pudesse conta da demanda dos novos contextos sociais.

“O que faltava à Psicologia Social, eram as contribuições de Marx, Piaget, Durkheim: a questão das desigualdades, o fenômeno da linguagem, a força das ideias na construção da sociedade, a realidade social” (MOSCOVICI, 2009, p. 117).

Moscovici critica fortemente as teorias que hora defendia seu enfoque teórico voltada para o sujeito, em outro momento voltada o mesmo enfoque voltada para o objeto; criando com isso sempre uma separação entre sujeito e objeto. Dentro deste contexto Moscovici mais uma vez faz uma inovação ao conceituar que sua teoria tem um aspecto triangular: Sujeito-Outro-Objeto que é primordial para desenvolvimento de sua teoria que ver esses aspectos como interconectados (MOSCOVICI, 2009).

MOSCOVICI (2009), criou um novo conceito, o conceito de relação. O social passa a ser entendido para este autor como uma relação, que só pode fazer sentido na relação com os outros.

Segundo Jovchelovitch (2008), com o desenvolvimento das teorias de Piaget, Vygotsky e Moscovici houve uma visão diferenciada para o status da representação, que é ao mesmo tempo, epistêmico, social e pessoal; e a análise dessas três dimensões pode explicar porque as representações não são uma cópia do mundo lá fora, mas uma construção simbólica dele. Isso quer dizer que sempre representamos; construímos, reconstruímos e damos sentidos a realidades tanto materiais, como imateriais de forma interligadas.

Dentro do amadurecimento de Moscovici que não existia separação entre: individual e social; ou indivíduo e grupo; ou indivíduo e sociedade. O que existe é uma dialogicidade comum ao pensamento humano, uma dinâmica da mente desenvolvida por uma relação interpessoal (GUARESCHI, 2004).

Depois desses pontos sobre o surgimento da Teoria das Representações como uma crítica há alguns pressupostos teóricos da Psicologia Social americana. Vamos focar na Teoria das Representações Sociais e especificamente na abordagem societal e suas contribuições para as relações grupais.

Para ALMEIDA (2009), A abordagem societal é composta pelo conjunto de quatro níveis de análise no estudo das Representações Sociais (*intraindividuais*; *interindividuais* e *situacionais*; *intergrupais* e *societal*). O Primeiro são os processos *intraindividuais*, consisti em analisar o modo como os indivíduos organizam suas experiências com o meio ambiente. Já o segundo são os *interindividuais e situacionais*, buscam nos sistemas de interação os princípios explicativos típicos das dinâmicas sociais. O terceiro são os *intergrupais* leva em conta as diferentes posições que os indivíduos ocupam nas relações sociais e analisa como essas posições modula, os processos do primeiro e do segundo níveis. O quarto é o *societal*, que enfoca os sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais, adotando o pressuposto de que as produções culturais e ideológicas, características de uma sociedade ou de certos grupos, dão significação aos comportamentos dos indivíduos e criam as diferenciações sociais, tendo como contrapartidas princípios gerais.

A abordagem societal ainda é pouca estudada, embora sendo de grande importância para compreender a complexidade dos sistemas cognitivos, relacionais e sociais. Isso levou a MOSCOVICI ([1961] /1976), a estimular a construção de uma Psicologia Societal.

Segundo ALMEIDA (2009), a análise das RS dentro dos quatros níveis citados acima, desencadeou a noção de RS como princípios geradores das tomadas de posição ligados as inserções sociais específicas, organizando os processos simbólicos que interferem nas relações sociais.

Doise e colaboradores estudaram intensamente a abordagem societal na década de 70, querendo compreender sua relação com as relações grupais. Doise foi referência no estudo da abordagem societal, desenvolveu experimentos e pesquisas que contribuíram para a ampliara dessa área de atuação.

“Para O conteúdo das representações depende das relações entre os grupos, na medida em que serve para justificar certos modos de

encadeamento das relações, mantendo, ao mesmo tempo, a especificidade e a identidade de cada grupo” ALMEIDA (2009, p. 725).

DOISE (1972), isso não significa que a representação apenas segue – adaptando-se e justificando o encadeamento da interação, mas o contrário, ela intervém antecipando-o ativamente, na determinação deste encadeamento. Ainda no âmbito dos estudos sobre as relações intergrupais. Doise traz uma importante contribuição para a compreensão do funcionamento das identidades coletivas e individuais (ALMEIDA, 2009).

Dentro deste contexto da abordagem societal, Doise e colaboradores, propuseram uma sistemática tridimensional para estudar as RS; que consiste no modelo das três fases. Onde a primeira trata-se do campo comum das representações sociais - a noção de que há uma artilha comum entre membros de uma mesma população. A segunda diz respeito aos princípios organizadores das variações individuais - consiste à natureza das diferenças, das heterogeneidades nas tomadas de posições em relação a um dado objeto de representação -. A terceira fase fala sobre a ancoragem das diferenças individuais - marcado por certas modulações ou oposições individuais - (ALMEIDA 2009).

## **CAPÍTULO 2: DE AFRICANOS A AFRO-BRASILEIROS: DOS ORIXÁS AO CRISTIANISMO**

Para descrever melhor os caminhos que levaram esta pesquisa, é necessário conhecer um pouco das múltiplas etnias culturais africanas que chegaram ao Brasil como os bantos e lorubás que eram uma multidão de nações com língua própria, costumes, economia e religiões voltadas aos ancestrais popularmente no Brasil conhecidos como orixás nas religiões afro-brasileira.

Entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil como escravos pessoas de diversas tribos, dialetos e culturas diferentes não se tratava apenas de um povo mais de vários povos etnias diversas. Os povos da África Negra são divididos em dois grupos linguísticos os sudaneses e bantos primeiro chegaram os bantos logo após com a queda da cidade de Oió os lorubás perderam a proteção da cidade rei e tornaram-se presas fáceis do tráfico negreiro de escravos para o Brasil.

Existem diversos grupos étnicos de sudaneses o grupo de sudaneses da África central estes forneceram muitos escravos ao Brasil da região Golfo da Guiné conhecidos por nagôs e lorubás (PRANDI, 2000). Os lorubás falavam muitos dialetos estavam espalhados em muitas cidades e aldeias da África sua economia era voltada para agricultura, eles tinham cultura própria e divindades específicas com costumes e cerimonias aos seus ancestrais os orixás que era particular a cada família de uma linhagem biológica, cidade e região lorubá, com formação familiar patrilinear com casamentos poligímicos.

Oió foi uma muitas cidades lorubás que teve um grande império no qual muitas outras cidades eram submetidas a ela e as suas divindades, tem um papel importante na religião afro-brasileira, Oió era a cidade de xangô assim como cada cidade tinha a sua divindade e estavam submetidos a divindade da cidade ao qual autoridade maior entre as tribos, como Ketu era cidade de Oxóssi, Abeokutá era centro do culto a Iemanjá e Ilexá cidade de Ijexá (PRANDI, 2000).

Quando os africanos de diversas nações, culturas, línguas, etnias e deuses ancestrais de sua linhagem sanguínea, não tem relatos de africanos das dezenas de etnias que chegaram ao Brasil houvesse africanos de religião cristã, os povos bantos e iorubás que vieram escravizados para o Brasil ambos cultuavam os orixás, ao

chegar no Brasil nos navios negreiros eles eram vendidos por cabeça e separados de suas tribos e família deste modo a comunicação entre os próprios africanos era difícil, muitas nações com dialetos diferentes, é um marco na história começava o fim do africano para o início de um outro ator social no país o afro-brasileiro, com o sepultamento da família africana que em sua tradição era associadas ao culto dos orixás que era a ancestralidade patrilinear da família que tinha formação poligâmica, totalmente fora da tradicional família colonial portuguesa.

Os anos, décadas e séculos de escravidão, milhares de africanos foram submetidos em solo brasileiro, novas gerações de crianças negras nascidas no Brasil em formação começava a florir o afro-brasileiro que aos poucos esqueceu seus ancestrais ou de nada sabe mais deles, perdeu sua língua mãe africana ioruba, mas este é filho do Brasil, carrega de forma quase involuntária o que restou de simbolismo da mãe África de seus avós e bisavós escravos no Brasil, mas reis e rainhas iorubás. Depois das trevas que se chamou escravidão no país para os africanos mais de cinco milhões de negros africanos um verdadeiro genocídio humano/cultural. Os negros que não são mais escravos nem africanos são eles: mestiços, crioulo, mulato, moreno, mameluco, sarará, pardo todos brasileiros com aspectos culturais predominantes da cultura do colonizador começando pela religião cristões católicos e depois cristões protestantes.

## 2.1 PROTESTANTISMO CRIOULO E A DEMONIZAÇÃO DOS ORIXÁS

O catolicismo bem como o protestantismo no Brasil foi a favor da escravidão usando relatos bíblicos para legitimar a prática escravista, os jesuítas começaram suas práticas de conversão ao catolicismo com os índios e depois com os negros que deixa uma interrogação, pois foi disseminada a ideia que para a igreja católica o negro não tinha alma, porém não existe relato documentado oficialmente sobre esta afirmação da igreja católica, o que existe são relatos contrários, a praxe dos missionários católicos era tentar batizar tanto indígenas quanto africanos. O fato leva a pensar que os padres não iriam batizar quem não possuía alma? Tanto batizava os negros como havia igrejas só para os negros em Pernambuco havia confrarias e igrejas dos "homens pretos" desde o século XVIII. A Irmandade dos Homens Pretos do Recife foi criada em 1654. A maior era a confraria e igreja de "Nossa Senhora do Rosário dos Pretos" Foi criada para os negros escravos poder cultuar a religião católica, pois era proibido frequentar a igreja dos brancos como também era proibido cultuar qualquer outra religião que não fosse à católica. O fato de batizar e converter os negros até abrir igrejas para os negros, mas, coisa alguma os padres fizeram para abolir a escravidão, até escravos algumas igrejas possuíam.

"Constituição Política do Império do Brasil": Celebrar em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja o do Estado: PENAS. No grau máximo – serem dispersos pelo juiz de paz os que estiverem reunidos para o culto, demolição da forma exterior, e multa de 12\$, que pagará cada um (REILY, 2003, p. 48).

Essa constituição se alterou com a instituição da República no país, a liberdade de culto foi legitimada como lei, e com a Constituição de 1988 ocorreu à confirmação da garantia dos direitos ao povo brasileiro, de escolher sua da religião. Deste modo outra religião começava a ter mais adeptos o caso do protestantismo ele chegou ao Brasil com duas vertentes bem definidas: o Protestantismo de Imigração era apenas para atender os colonizadores que vieram da Europa protestante sem fazer pregações ou tentar converter ninguém e o de Conversão que tinha a proposta de aumentar o rebanho de adoradores de Cristo pelos dogmas protestantes, uma terceira vertente, o Protestantismo de Invasão, apesar de ter durado pouco tempo, se deu com os Franceses e Holandeses, nos séculos XVI e XVII. (MOTA, 2015). Mas se converter as

protestantismo era sinônimo de esquecer sua cultura e nascer para uma nova vida totalmente diferente da cultura brasileira em formação, contudo mantendo sua condição de pobreza, escravidão, doença ou qualquer estado de dependência o que o novo convertido ganhava era um mentor espiritual, um pastor pra dizer como conduzir uma vida em Cristo.

Para os missionários as práticas culturais existentes no território brasileiro eram distorcidas dos dogmas pregados pelo protestantismo. O sujeito que aderiu a essa “nova proposta” de religiosidade, centrada na ideia de libertação, continuava em sua condição subalterna, pois, ao invés de deixar de ser colonizado, ganhava, acompanhado do processo de expansão da religião, um líder religioso, portador e transmissor de um discurso ideológico e religioso (MOTA, 2015, P 107).

A forma de vida, os costumes diários, as relações territoriais, a identidade territorial, a relação de pertencimento do sujeito com o lugar, como a própria concepção de clima, de roupas propícias ao clima brasileiro, foram ignoradas diante do cenário protestante que se construía. “O protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou [efetivamente] com a cultura brasileira” (MENDONÇA, 2005, p.51). Pelo contrário, as práticas protestantes negaram e contradizem até a atualidade o modo de vida das populações tradicionais. Essa falta de identificação com as práticas culturais se fez maior nas igrejas tradicionais e pentecostais.

As populações tradicionais seguiam uma mistura do catolicismo popular com práticas de religiões de matrizes africanas e crenças em seres mágicos. O combate por parte do protestantismo a esses elementos da cultura local levou a uma histórica resignificação, por parte dos convertidos ao protestantismo, de suas práticas culturais, das suas relações territoriais, das suas identidades territoriais, da produção de suas paisagens culturais. Assim como no passado, na atualidade essa resignificação realizada por meio da inserção do discurso religioso em comunidades tradicionais é evidente tanto em grandes congregações quanto em pequenos grupos (MOTA, 2015, p107).

As primeiras igrejas protestantes as batistas não faziam nenhum esforço para converter os negros o seu público para arrebanhar eram os brancos católicos, com a vinda ao Brasil da igreja pentecostal em 1910 a mais conhecida no Brasil a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, com cerca de 12.314.410 fiéis no país (CENSO, 2010). O pentecostalismo nasceu no Brasil sob a influência europeia, por meio do italiano Luigi Francescon, em Recife (PE) com a Congregação Cristã do Brasil (CCB),

e dos suecos Daniel Burger e Gunnar Virgen, em Belém (PA) com a fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, ambas no início da década de 1910.

A Igreja Católica considerava a igreja evangélica Pentecostal uma “heresia moderna” de modo de cultuar a Deus diferente dos protestantes tradicionais eles pregavam a palavra da salvação pela conversão em Cristo Jesus seguindo as escrituras bíblicas sem adoração a imagens e esculturas com hinos de adoração a Deus com diferencial do batismo no Espírito Santo (glossolalia- suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do dia de Pentecostes descrito na bíblia no livro de Atos capítulo 2) com revelação dos dons do espírito santo com línguas estranhas e profecias o era considerando “cultos barulhentos”.

As igrejas pentecostais tiveram grande adesão dos negros, tornou-se popular por sua forma de buscar o sagrado, longe do letramento e elitismo das igrejas protestantes históricas, o pentecostalismo encontra entre as camadas mais simples e abandonadas seu público alvo.

São nesses subúrbios que os pregadores pentecostais mais conseguiram adeptos, e essa recepção da mensagem pentecostal entre os descendentes de escravos seguramente até hoje é percebida, pois pesquisas feitas na região metropolitana do Rio de Janeiro revelam que entre os membros das atuais igrejas pentecostais é constituída por mais de 50% de negros e pardos. (FERNANDES 1998, P. 23)

No livro "A religião mais negra do Brasil" Marco de Oliveira afirma ainda, com base em dados do IBGE que os afrodescendentes nas igrejas evangélicas pentecostais somam mais de oito milhões de adeptos, tendo somente a Assembleia de Deus mais de 50% de seus fiéis de origens negra. Porém para o referido autor, de maneira geral, são poucos os líderes negros de expressão dentro da comunidade pentecostal, refletindo segundo ele dentro das igrejas pentecostais os preconceitos desenvolvidos e assimilados pela sociedade brasileira como um todo (OLIVEIRA, 2004).

## 2.2 PRECONCEITO COMO JUÍZO DE VALOR: LIMITES SOBRE PRESSÃO IDEOLÓGICA

A proposta de Gordon W. Allport, um importante pesquisador que estudou o preconceito. Sua obra, *La naturaleza del prejuicio*, escrita em 1954, inicia uma discussão sobre o tema que seria propulsora de tantas outras pesquisas sobre o assunto entender as causas e razões do preconceito e sua escala de preconceito no viés social e psicológico vai dar subsídios ao desenvolvimento da pesquisa na Comunidade Quilombola Onze Negras.

Para Allport (1971), é mais fácil destruir um átomo do que o preconceito. Por ser um processo complexo, histórico, cuja característica principal é sua não-singularidade, o preconceito não tem uma causa; ao contrário, pode apresentar causalidades múltiplas. Porém, em qualquer que seja a situação, o resultado será, segundo o autor, o mesmo: negativo (SOUZA, 2008, p,35).

O preconceito acontece, segundo Allport (1971), a partir de alguns pressupostos: o endogrupo (família, grupos próximos como o religioso, de amigos etc.) traz fortes referenciais às pessoas e é vital para a sobrevivência pessoal. Em forma antagônica, o exogrupo contrasta tudo o que envolve valores, costumes etc. com o endogrupo. Assim, o exogrupo é um inimigo natural de tudo aquilo que uma pessoa acredita ser, mas que não faz parte do seu endogrupo, o que não significa que necessariamente precise ser exterminado, mas é julgado por ser diferente e não pertencer ao grupo.( SOUZA , 2008,p, 36).

Portanto, o preconceito religioso em Allport faz parte deste contexto onde a alteridade pode emergir em espaços geográficos distintos e com preconceitos muito específicos. Diante deste fato, diálogo e preconceito se deparam com grandes temas do nosso tempo como as questões de gênero, os estudos pós-coloniais, o meio ambiente, questões relacionadas à ética, ao terrorismo (que se utiliza da fachada religiosa), as migrações e a desigualdade social. O diálogo inter-religioso e o preconceito possuem uma complexa inter-relação que transborda da esfera inter-religiosa para a pessoal e social com seus muros de proteção, todavia, o primeiro tem o potencial de diminuir o fosso entre o mundo religioso e o secular (MARTINS, 2008, P 18).

A discriminação, segundo o autor, é outra característica da prática do preconceito, por se tratar de ação de uma pessoa em face de outra pessoa ou grupo. A diferença da discriminação (que é uma ação) em relação ao preconceito (entendido como julgamento) é a questão das consequências, pois na discriminação estas

ocorrem imediatamente. Allport (1971) postula cinco graus de ação negativa, com crescente hostilidade: 1) falar mal (pode não haver ação direta); 2) evitar o contato (ignorar o outro); 3) discriminação (ação excludente visível e palpável, levando à segregação – que é uma discriminação institucionalizada); 4) ataque físico (ataque de violência ou semi-violência); e 5) exterminação (linchamentos, matanças, genocídios, a exemplo do que ocorreu com os judeus) (p.29). Concluindo, para 37 esse autor o preconceito estaria intimamente associado ao poder, e geralmente apresenta-se como uma cegueira assustadoramente conformada com costumes sociais e históricos/culturais dominantes de uma dada sociedade. (SOUZA, 2008 p,37).

## **2.3 HISTÓRIA E IDENTIDADE DO QUILOMBO ONZE NEGRAS**

Segundo informações municipais, o início da Comunidade Quilombola Onze Negras aconteceu em meados de 1940, com a formação de uma pequena comunidade composta por negros remanescentes da escravidão no município. Nessa mesma época, famílias migravam para o Cabo com a intenção de trabalhar nas usinas de cana-de-açúcar. Três grandes famílias foram originadas e seguiram morando no Engenho Trapiche, comprando as terras posteriormente e iniciando as construções de algumas casas. Ao longo dos anos, a comunidade recebeu vários nomes: Burrama, Pista Preta e, por fim, Onze Negras. Do grupo pioneiro que fundou a associação de moradores, quatro mulheres oriundas da formação inicial já faleceram, sendo substituídas por outras, sempre com a intenção de manter o simbolismo e o trabalho coletivo em prol da comunidade.

No Brasil, existem atualmente, 207 comunidades quilombolas tituladas e certificadas. E mais de duas mil, que são apenas certificadas. Em 21 de novembro de 2007 a Fundação Cultural Palmares, por meio de seu presidente Ubiratan Castro de Araújo, confere a Certidão de auto-reconhecimento das Onze Negras como remanescentes das comunidades originalmente de Quilombos, documento que simboliza o registro de nascimento, nome de origem e a confirmação da ancestralidade da Comunidade de povo tradicional Quilombola Onze Negras.

É importante pontuar que construir conhecimentos sobre aspectos da cultura e tradição em Comunidades Tradicionais por meio de pesquisa teórica e etnográfica é necessariamente passar por um olhar de si mesma, no próprio reflexo na (e da) construção de informações específicas fornecidas pela comunidade, no caso à Quilombola, por tanto é essencial empreender em reflexões que transcendem o alcance do conhecimento tido como formal.

Registro de acesso ao campo de pesquisa – (SILVA, 2018)

1. Foto da visita a comunidade Onze Negras



2. Foto da visita a comunidade Onze Negras



3. Foto da vista da comunidade Onze Negras



4. Foto das casas e ruas da comunidade



6. Fotos da terceira visita a comunidade no Centro Cultural da Associação Onze Negras



7. Fotos da terceira visita a comunidade no Centro Cultural da Associação Onze Negras



9. Fotos da terceira visita a comunidade no Centro Cultural da Associação Onze Negras



10. Fotos da terceira visita a comunidade no Centro Cultural da Associação Onze Negras



## 2.4 MITO DA DEMOCRACIA RACIAL DENTRO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro (FREYRE, 2003, p. 367).

A democracia racial é um termo usado por algumas pessoas para descrever relações raciais no Brasil, como um país não racista no qual as pessoas vivem harmonicamente no quesito racismo diferente de outros países como o caso dos Estados Unidos da América que vivenciou muitos conflitos armados pela segregação racial, o fato do Brasil por anos negarem a existência desse fato social, inviabilizou a demanda de políticas afirmativas, além de alimentar o racismo velado e falta de empoderamento étnico da população negra. Inclusive a popularização da democracia racial na educação brasileira, impossibilitando o estudo da cultura africana e indígena e o contexto de desigualdades que esses extratos foram tratados na construção histórico social do Brasil.

O termo “Democracia racial” denota a crença de alguns estudiosos que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial. O conceito foi apresentado inicialmente pelo sociólogo Gilberto Freyre, na sua obra *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. Embora Freyre jamais tenha usado este termo nesse seu trabalho, ele passou a adotá-lo em publicações posteriores, e suas teorias abriram o caminho para outros estudiosos popularizarem a ideia. Assim, tendo em vista as virtudes e ambiguidades, Cardoso conclui que a importância de se ler *Casa-Grande & Senzala* no século 21 é que esta obra ensina muito do que fomos e ainda somos em parte. Mas jamais o que queremos ser no futuro. (CARDOSO, in: FREYRE, 2003, p. 27).

As teorias do branqueamento mesmo a longos anos em desuso deixaram suas marcas até hoje no imaginário coletivo da sociedade brasileira, podemos verificar este fato em toda sociedade em particular na própria escola, que apenas em 2008 foi inserida a lei 11.645 da LDB, que legitima e inclui o ensino da cultura africana e indígena no currículo escolar como ensino obrigatório, ou seja, mais de cinco séculos o povo brasileiro em sua essência formado por negros e indígenas em sua grande massa teve que aprender pela visão do colonizador branco europeu, que o belo é ser

branco, o bem sucedido é o branco, o mais inteligente é o branco, a religião que salva é a dos brancos ( cristianismo) etc. Como resultado do branqueamento na educação temos as ilustrações nos livros escolares que remetem a imagem do negro sempre com escravizado, pobre, marginalizado em cargos de trabalho braçal com nenhum ou pouco preparo escolar, diferente do branco que aparece como o vencedor, dominador, o mais bonito e bem sucedido.

As teses eugenistas no Brasil aumentaram o racismo entre a população brasileira tendo em vista a formação de uma raça superior dotada de atributos genéticos, que ficavam de fora os negros, indígenas e amarelos, exaltando a supremacia da raça branca pelas teses evolucionistas vindas da Europa, que na época já estavam em desuso em vários países com novos estudos que desmitificavam essas teorias racistas. Um dos conceitos eugenistas é do branqueamento da população, um dos propulsores no Brasil foi Oliveira Viana em uma de suas obras ele defende que:

“A evolução do povo brasileiro”, ao qual defendia que para o Brasil desenvolver politicamente e socialmente precisava embranquecer dada a realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada. (VIANA, 1956,pág.58).

No Congresso Universal das Raças foi à exibição de uma cópia do quadro “A Redenção de Cam” do pintor espanhol **Modesto Brocos**. Esse quadro foi concluído em 1895 e apresenta a imagem de uma família, propõe a diluição da cor negra na sucessão de descendentes e insere nessa sucessão a “redenção”, a “absolvição” de uma “raça amaldiçoada”, isto é, a descendência negra, como raça inferior, mesmo desacreditada e comprovada cientificamente a ineficiência dessa tese deixou rastros no Brasil até a atualidade mesmo após a Segunda Guerra Mundial, sobretudo por meio de congressos fomentados por organismos internacionais, como a **ONU** (Organização das Nações Unidas) que combateram e confirmaram a tese como racista e sem consolidação científica.

### **CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS DE CAMPO**

Para compor os dados da pesquisa junto à comunidade foram utilizados o método bibliográfico e etnográfico via observação participante, entrevistas e questionários. Com efeito dialogamos com as teorias aplicadas na pesquisa com o método e instrumentos da pesquisa etnográfica. Diante de tantas informações e pressupostos que nasceram durante a pesquisa e escrita da mesma ficou impossível relatar tudo em um curto espaço de tempo ficando para dar continuidade no mestrado e doutorado.

Para tanto tomamos como ponto de partida o levantamento bibliográfico da vinda dos negros escravizados ao Brasil e a linha do tempo no processo de colonização e conversão diversos povos africanos as religiões católicas e protestantes para entender o problema da pesquisa em entender por que a cultura de movimentos religiosos de matriz africana não é popular na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras?

Assim foi um grande desafio adentrar no íntimo das representações sociais compartilhadas por um grupo grande de moradores do Quilombo Onze Negras acerca dos movimentos religiosos de matrizes africanas, sendo maior parte da comunidade professarem a fé protestante inclusive a liderança de mulheres da comunidade.

Para ter entendimento sobre os objetivos propostos da pesquisa foi realizada entrevista semiestruturadas, as perguntas presentes no questionário utilizado estão ligadas aos objetivos específicos da pesquisa que são analisar os movimentos culturais, religiosos existentes na Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras; averiguar se há estranhamento cultural a respeito de movimento religioso de matriz africana; pesquisar sobre a compreensão que o povo tradicional da Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras tem a respeito de sua ancestralidade.

Foram realizadas 35 entrevistas num período de 7 dias as entrevistas estão divididas em grupos A) homens (13); B) mulheres (22) ;C) pessoas idosas ( 10 ); D) liderança ( 10), E) pessoas lideradas (25); F) pessoas que professam ser de religião protestante (24); G) pessoas que professam não ter religião (2); H) pessoas que professam ser católicos (6); I) pessoas que professam ser de religião de matrizes africanas (3). Ao total 9 grupos de pessoas entrevistas acerca do problema da pesquisa.

Algumas entrevistas foram gravadas e outras não em decorrência da necessidade do momento e conveniência do entrevistado, os nomes e identidade dos entrevistados não serão identificados por questão ética, neste viés iremos trabalhar com os grupos que foram mencionados acima ( A, B,C,D,E,F,G,H,I). Em uma média de 500 famílias, entretanto é sabido que nas ciências sociais a quantidade de pessoas não é o mais importante sendo relevante a abordagem do fenômeno pesquisado.

Num cenário de suposto conflito, influenciado por relação de poder local, estranhamentos culturais e desvirtuosos entendimentos a respeito de própria ancestralidade, movido pelas tensões sociais impulsionados pela também tradição religiosa de maior influência na região movida por racismo institucionalizado num contexto de mito da democracia racial.

Considerando que a complexidade do sistema social analisado expressa problemas e jogo social em que participam vários atores contribuindo com informações e conhecimentos de diferentes perspectivas, racionalidade, valores, interesses carregados de incertezas de múltiplas possibilidades na construção da dinâmica da necessidade local dos povos remanescentes afro-brasileiro local, ponderando – obviamente - para mosaico das facetas das identidades, do querer e do espaço/território do indivíduo na sociedade, segundo (Hall 2006),

É possível surgir novas identidades fragmentas no indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado[...], bem como nas estruturas e processos centrais das sociedades modernas de quadros de referências, que por sua vez dão ao indivíduo uma ancoragem estável na tradição, ao mesmo tempo, permite aspecto mutável na perspectiva das identidades móveis tocadas pelo mundo globalizado.

É importante pontuar que construir conhecimentos sobre aspectos da cultura e tradição em Comunidades Tradicionais por meio de pesquisa teórica e de campo é necessariamente passar por um olhar de si mesma, no próprio reflexo na (e da) construção de Informações Específicas fornecidas pela comunidade, no caso à Quilombola, por tanto é essencial empreender em reflexões que transcendem o alcance do conhecimento tido como formal. Souza Santos pontua que,

A desmonumentização da visão epistemológica viabiliza uma nova construção de conhecimentos a partir de uma diversidade

epistemológica democrática e plural considerando a participação de outros conhecimentos, abrindo espaço para uma espécie de saber ecológico, construindo a conservação cultural numa visão de mundo onde a comunidade tradicional se sinta auto representada, na monumentalização de novos conhecimentos fundados em informações que não são pronunciados em língua externa a comunidade. (SOUSA SANTOS, p.38).

O antropólogo, sociólogo e pesquisador Darcy Ribeiro (1995) doutrina que,

É inegável a influência dos elementos da cultura africana sobre tudo no primeiro momento como Fator Fundante da sociedade brasileira[...]; Não se pode negar que a cultura africana e indígena é a base da formação da sociedade brasileira pela influência, transferência e reprodução de sua vivência no fortalecimento de seus vínculos originais.

Vamos para a análise dos dados dos grupos:

A) Homens (13);

Grupo (A) composto por homens de faixa etária entre 25 a 45 anos quando perguntados sobre seguimento religioso. Segue alguma religião? Qual? Há quanto tempo?

As respostas de modo geral foi que seguiam a doutrina protestante média de 46% dos entrevistados homens, 53,5% responderam que eram católicos e 0,5% de religião de matriz africana. O tempo em anos que eles afirmam estar nestes seguimentos religiosos é média de mais de 20 anos que seguem essa religião por ser a religião de seus pais e amigos e que acham que estão no caminho da fé correta acreditando em Deus, relata os homens de religião católica e protestante.

B) Mulheres (22);

O grupo (B) composto de mulheres mais de 76% de religião protestante e 24% de religião católicas foi perguntado sobre: O que você acha da religião de matrizes africanas? Conhece o significado dos orixás e sua simbologia com a ancestralidade africana?

As respostas do grupo foi que não tinham conhecimento profundo das religiões africanas e que não tinham muito interesse em conhecer, que respeitava as escolhas religiosas de cada morador da comunidade, mas que a religião delas era a crença em Deus e em Jesus como o filho de Deus, e apenas Jesus tem a salvação.

Apesar do grupo (B) afirmar não ter preconceito dos que afirmam ser de religião de matriz africana na comunidade o discurso traz um desconhecimento profundo da história de seus ancestrais e a simbologia ao culto dos órixas essa falta de conhecimento, faz surgir um estranhamento e até mesmo uma demonização dos ritos e costumes da religião de matriz africana. Um racismo religioso velado, consequência pós-coloniais com resquício ficou a colonialidade do ser, saber e do poder (QUIJANO 2000).

#### C) Pessoas Idosas (10 );

O grupo (C) de idosos pesquisados ao serem perguntadas enquanto a existência dos tipos de seguimentos religiosos na comunidade? Suas respostas foram que:

“ Filha sempre houve na comunidade igrejas católicas, igreja de crente da Assembleia de Deus e casa de macumba, o problema que uns querem saber mais que os outros dentro de sua religião e que religião não se discute, que temos que respeitar, só Deus sabe da salvação de cada um”. (GRUPO ( C) 2019).

#### D) Liderança (10),

Mais de 90% da liderança da Comunidade Onze Negras e composta por mulheres de religião protestante menos de 10% da liderança por homens e mulheres de religião de matriz africana.

#### E) Pessoas Lideradas (25);

Entre as pessoas lideradas 35% os jovens se declaram católicos não praticantes/ e 65% desviados da igreja protestante a Assembleia de Deus, o fato de estarem afastados ou desviados da igreja lhes dar uma liberdade maior em participar de algumas festividades e práticas consideradas pecaminosas que não edificam o espírito como (consumir bebidas alcoólicas, frequentar bares e casas de danças noturnas, prática de sexo fora do casamento entre outros costumes considerados

estar fora da doutrina), porém a maior parte dos pesquisados afirmam que vão retornar para a igreja algum dia, pois na igreja é o lugar certo de estar, eles fazem referência a estar e fazer parte de uma religião cristã seguindo suas doutrinas.

F) Pessoas que Professam ser de Religião Protestante (24);

As pessoas pesquisadas de religião protestante em sua maioria mulheres entre 35 a 55 anos relatam que sempre houve a Igreja Assembleia de Deus dentro da Comunidade Quilombola Onze Negras, que seus familiares são membros da igreja antes mesmo delas nascerem. Que o fato de serem de Comunidades Quilombolas e negras em nada impedem de ser evangélicas, pois “Deus é para todas as pessoas não tem acepção por cor da pele”. Para elas todos vivem sem conflitos religiosos na comunidade, mas que desejaria que muitos da comunidade aceitassem o evangelho para tornar-se crente em Cristo Jesus.

G) Pessoas que professam não ter religião (2);

O grupo que professam não ter religião relata que nasceram em lares cristão dentro da comunidade, acreditam em Deus do seu jeito, que Deus é amor e não é necessário estar dentro de uma religião para ter Deus em sua vida. Elas falam sobre o pouco conhecimento da religião de matriz africana que mesmo havendo o culto dentro da comunidade nunca participaram, pois o que foi ensinado a eles sobre o Candomblé foi que era Ceita do diabo, mas eles afirmam que não tem preconceito das pessoas que são do candomblé.

H) Pessoas que professam ser católicos (6);

O grupo (H) de religião católica afirmam que são católicos pois seus pais e avós já eram católicos e foi nessa religião que foram batizados na fé católica. Os pesquisados dizem que todas as religiões são importantes se ajuda as pessoas a encontrar paz de espírito, falam que não conhece profundamente a história da religião africana, mas tem respeito e conhece pessoas que fazem parte da religião africana e tem um bom relacionamento, mas não tem interesse de mudar de religião.

I) Pessoas que professam ser de religião de matrizes africanas (3).

As pessoas de religião de matriz africana que participaram da pesquisa o Grupo ( I ), relatam o estranhamento da comunidade de maioria de religião protestante e

católica em relação a eles de religião de matriz africana. “Somos mal entendidos, como adoradores de demônios, as pessoas não entendem que temos uma história ancestral” (GRUPO ( I ) 2019).

Segundo Quijano vai propor o conceito de “Colonialidade do poder” para referir-se a essa situação. Que é uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, África e a Ásia, a partir da colonização no período das grandes navegações. O termo faz alusão à invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. (OLIVEIRA, 2010).

Discurso que se insere no mundo colonizado e na comunidade Quilombola Onze Negras no viés da religião. “Neste sentido, o colonizador destrói o imaginário do outro, invizibilizando-o e sulbaternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário” ( OLIVEIRA,2010 ).

A colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizador a religião do colonizador e impõem novas formas de opressão.

Opera-se, então a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos culturais e religiosos não-europeus.

Pode-se pensar que a colonialidade do poder existe dentro da Comunidade Quilombola Onze Negras no imaginário coletivo das pessoas construiu a subjetividade de pouca afinidade com a religião de matriz africana. Segundo Quijano com a repressão histórica de outras formas de produção de conhecimento e culturas não-europeias como foi o caso da diáspora africana no Brasil que nega o legado intelectual e ancestral dos povos africanos e indígenas. (OLIVEIRA , 2010).

TABELA DE ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS

|                                                                                                                       |                                                                                                           |                                                              |                                                                                                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Grupo (A)<br>composto por<br>homens de faixa<br>etária entre 25 a<br>45                                               | Doutrina<br>protestante média<br>de 46%                                                                   | 53,5%<br>responderam que<br>eram católicos                   | 0,5% de religião<br>de matriz africana.                                                        |
| Grupo B)<br>Mulheres (22)                                                                                             | 76% de religião<br>protestante                                                                            | 24% de religião<br>católicas                                 | 0% de religião de<br>matriz africana.                                                          |
| C) Pessoas<br>Idosas (10).<br>enquanto a<br>existência dos<br>tipos de<br>seguimentos<br>religiosos na<br>comunidade? | Sempre houve<br>protestantes                                                                              | Sempre houve<br>católicos                                    | Sempre houve<br>Macumbeiros                                                                    |
| D)Liderança (10)                                                                                                      | 90% da liderança<br>da Comunidade<br>Onze Negras e<br>composta por<br>mulheres de<br>religião protestante | Não houve<br>liderança<br>entrevista de<br>religião católica | Menos de 10% da<br>liderança por<br>homens e<br>mulheres de<br>religião de matriz<br>africana. |
| E ) Pessoas<br>Lideradas (25);                                                                                        | 65% desviados da<br>igreja protestante<br>a Assembleia de<br>Deus                                         | 35% os jovens se<br>declaram católicos<br>não praticantes    | Não houve<br>entrevistados<br>jovens de religião<br>de matriz africana.                        |
| F) Pessoas<br>que Professam ser<br>de Religião<br>Protestante (24);                                                   | As pessoas<br>pesquisadas de<br>religião protestante<br>em sua maioria<br>mulheres entre 35               | xxxxxxxxxxxxxxxxxx                                           | Xxxxxxxxxxxxxxxxxx                                                                             |

|                                                       |                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                          |                       |
|-------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
|                                                       | <p>a 55 anos relatam que sempre houve a Igreja Assembleia de Deus dentro da Comunidade Quilombola Onze Negras, que seus familiares são membros da igreja antes mesmo delas nascerem.</p>                                           |                                                                                                                                          |                       |
| <p>G) Pessoas que professam não ter religião (2);</p> | <p>O grupo que professam não ter religião relata que nasceram em lares cristão dentro da comunidade, acreditam em Deus do seu jeito, que Deus é amor e não é necessário estar dentro de uma religião para ter Deus em sua vida</p> |                                                                                                                                          |                       |
| <p>H) Pessoas que professam ser católicos (6);</p>    | <p>xxxxxxxxxxx</p>                                                                                                                                                                                                                 | <p>O grupo (H) de religião católica afirmam que são católicos pois seus pais e avós já eram católicos e foi nessa religião que foram</p> | <p>Xxxxxxxxxxxxxx</p> |

|                                                                     |               |                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------------------------------------------|---------------|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                     |               | batizados na fé católica. |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| I) Pessoas que professam ser de religião de matrizes africanas (3). | xxxxxxxxxxxxx | Xxxxxxxxxxxxxx            | As pessoas de religião de matriz africana que participaram da pesquisa o Grupo ( I ), relatam o estranhamento da comunidade de maioria de religião protestante e católica em relação a eles de religião de matriz africana. “Somos mal entendidos, como adoradores de demônios, as pessoas não entendem que temos uma história ancestral”<br>(GRUPO ( I )<br>2019. |

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos nas considerações finais desta pesquisa, mas, o trabalho não se esgotou a esta primeira etapa, devido sua complexidade, mas permitiu esclarecer alguns pressupostos teóricos acerca do problema pesquisado com diálogo da realidade histórica da diáspora africana no Brasil e as consequências da colonização dos povos africanos escravizados no país e a formação do povo afro-brasileiro.

Em particular a construção das representações sociais a respeito das religiões de matriz africana na Comunidade Quilombola Onze Negra no Município do Cabo de Santo Agostinho / PE. Nesta etapa da pesquisa testificamos a hipótese que a cultura religiosa do município, onde se encontra o povo tradicional afrodescendente Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras, é predominantemente protestante pentecostal - segundo Censo 2010 - tendo forte influência na negação da cultura e religião de matriz africana reforçada pelo mito da democracia racial na vida dos munícipes da Comunidade povo tradicional Quilombola Onze Negras.

O mito da democracia racial e o período histórico de branqueamento reforçados pela hegemonia colonizadora etnocêntrica cooperou para construção das Representações Sociais da comunidade Quilombola Onze Negras a respeito da pouca familiaridade com a religião de matriz africana e a maior aceitação das religiões cristã principalmente protestante pentecostal da Igreja Assembleia de Deus.

Em seu histórico no Brasil a Igreja Assembleia de Deus alcançou um número surpreendente de seguidores da população negra, confortando-os das vulnerabilidades e opressões após abolição, dando esperança e conforto espiritual diante de um passado e presente do genocídio dos povos africanos escravizados por mais de 400 anos em terras brasileiras com o extermínio de línguas, dialetos, ritos e mitos de mais de 14 milhões de pessoas africanas.

Um povo órfão de sua mãe África que teve que renascer como povo brasileiro com isso suas Representações Sociais foram modificando ao longo da colonização e pós-colonização com isso suas crenças religiosas compostas agora de outras formas de adoração e culto com forte influência da Igreja Pentecostal Assembleia de Deus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de oliveira. **Abordagem Societal das Representações Sociais**. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v24n3/05.pdf>. Acesso em: 14/10/2019.

ANGROSINO, Michel Angrosino. **Etnografia e Observação Participante**. Tradução José Fonseca. Artmet, 2009. Porto Alegre.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. Ed. Reform. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2002.

DOISE, Willem. **Rencontres et représentations intergroupes**. *Archives de Psychologie*, n41, p. 303-320, 1972.

FERNANDES, Rubem Cezar (org.) **Novo nascimento**: os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 49 ed. São Paulo: Global, 2004. [Apresentação de Fernando Henrique Cardoso]

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica – como prática de libertação**. Porto Alegre: Edicpurs, 2004.

<https://cidades.ibge.gov.br/>

<http://www.cabo.pe.gov.br/index.php/nossa-cidade/>. Acesso em: jan. 2015

HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190

HAESBAERT, Rogério. **Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e reclusão territorial ( ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades)**. In: ARAÚJO, F. G. B. de; HAESBAERT, R. (Orgs.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: p.33-56.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999

MARTINS ,Angelina Carr Ribeiro Martins .Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 45-64, jul-dez/2017 - Angelina M. - <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2018/03/14-2-4.pdf>. Acesso. 18.01.2019.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro, 2005.

MOTA, Rosiane Dias. **O PROTESTANTISMO NAS TERRITORIALIDADES E NA IDENTIDADE TERRITORIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA – GOIÁS**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais – Investigações em Psicologia Social**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, Serge; **La psychanalyse, son image et son public**, Paris: images masculines et feminines. Grenoble: PUC, 1988.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, Apr. 2010

PRANDI, Reginaldo Prandi. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. Revista USP, São Paulo, n 46, p 52-65, junho/agosto 2000.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez. 2010.

SOUZA, Isabela Augusta Andrade **O preconceito nosso de cada dia: um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano**. – São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

VIANA, Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. 4º ed. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro,1956

## APÊNDICES

### ENTREVISTA

#### COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO

#### ONZE NEGRAS

Um dos instrumentos de coleta de dados usados nesta pesquisa serão as entrevistas. Realizadas em quatro grupos distintos: A. Grupo aleatoriamente para comunidade/ B. Para os quilombolas de religião de matrizes africanas/ C. Para os quilombolas de religião protestante/ D. Líderes religiosos da Comunidade de matrizes africana e protestante.

### APÊNDICE (A)

1. Qual seu nome e idade? Há quanto tempo reside na Comunidade Onze Negras?
2. Segue alguma religião? Qual? Há quanto tempo?
3. Existem quantos seguimentos religiosos na comunidade?
4. O que você acha da religião de matrizes africanas? Conhece o significado dos orixás e sua simbologia com a ancestralidade africana?
5. Você acha que existe uma religião única a ser seguida? Qual e por quê?
6. Você já presenciou algum conflito na comunidade motivos religiosos? Qual?
7. Os líderes religiosos da comunidade Onze Negras eles são quilombolas? Residem no quilombo?
8. Sabe qual foi o primeiro seguimento religioso ou igreja que chegou na comunidade?

---

Assinatura do entrevistado

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_,

depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora ( Regina Pontes Marçal) do projeto de pesquisa intitulado “(QUILOMBOLAS, O PRECONCEITO DE SI: UM ESTUDO SOBRE A CULTURA E HISTÓRIA AFRODESCENDENTES)” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das parte

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N° 3.298/1999, alterado pelo Decreto N° 5.296/2004).

Cabo de Santo Agostinho, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

\_\_\_\_\_  
Pesquisador responsável pelo projeto

\_\_\_\_\_  
Sujeito da Pesquisa